

Conceição Evaristo: vozes mulheres voltadas ao homem

Constância Lima Duarte*



Entretanto,
insisto que sempre estive inteira
no momento da escuta.
Contudo, a escrita me deixa
em profundo estado
de desesperação,
pois a letra não agarra
tudo o que o corpo diz.
Na escrita faltam
os gestos, os olhares,
a boca entreaberta
de onde vazam
ruídos e não palavras.

Conceição Evaristo
2022

Agraciada por duas décadas de forte presença na cena literária do país, com narrativas em que emerge o tom poético de construções e situações, muitas delas marcadas pela violência racial e de gênero – a exemplo dos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006); e dos contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres*

(2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) – Conceição Evaristo traz novamente a público uma surpreendente narrativa intitulada *Canção para ninar menino grande*, lançada em 2018, em edição logo esgotada.

Ao longo das últimas décadas, ela publicou ainda *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008, 2017), participou de diversas antologias, com destaque para a série *Cadernos Negros*, e viu seus textos cruzarem fronteiras e surgirem em traduções para o francês, o inglês, o espanhol e o árabe, entre outros idiomas.

Em 2022, ela atende aos reclamos de seus leitores e nos entrega a segunda edição de *Canção para ninar menino grande*. Sem querer adentrar em minúcias comparativas, ou incorrer em *spoiler*, adianto que se trata realmente de uma nova edição e não apenas da reedição do livro de 2018. Evaristo segue exemplos fundantes – como o do mestre Machado de Assis que afirma, a partir de Pascal, ser o escritor acima de tudo uma “errata pensante” ao justificar as alterações nas diferentes edições de *Memórias póstumas e Esaú e Jacó* – e promove, ela também, significativos acréscimos na nova versão de sua *Canção*. Aliás, no excelente texto que introduz a narrativa, a escritora faz reflexões profundas sobre as dificuldades enfrentadas para

apreender o ato/gesto de falar, ouvir e recontar, e transformá-lo em escrita, em sua incessante labuta de perseguir a escrevivência.

Mas o importante nesta nova edição é que o fundamental permanece. E o belo e sedutor Fio Jasmim, apesar de estar no centro da narrativa, não será o narrador das aventuras que vivencia, e sim as mulheres que o conheceram. Jasmim é o *fio* condutor do enredo nos vários cenários e situações vividas junto às “suas” mulheres. Numa narrativa de perspectiva afro-gendrada, como esta, o homem é o centro, mas também o alvo. Na figura de Fio temos a representação ao mesmo tempo do macho conquistador e do conquistado; do sedutor e do seduzido; do assediador e da vítima de assédio. E à medida que a narrativa avança, o mito do masculino se desmorona, e ficam mais evidentes os sentidos possíveis para seu nome – fio-cordel, fio-corte de um instrumento; e flor-jasmim, cujo perfume revela-se melhor à noite num claro apelo à sensualidade e ao erotismo.

Distante da figura do herói, o personagem representa as contradições do universo masculino, socializado desde a infância para aceitar pensamentos e ações sexistas. Com o pai e com outros mais velhos, aprende a ter orgulho de sua virilidade, tornando-se parte da engrenagem de dominação masculina naturalizada socialmente através da reprodução incessante de valores e comportamentos.

O trem que conduz é “de ferro” e, como tal, “come os trilhos” a modo de máquina implacável. Coincidência? Tal como o pai procriador e ausente, o jovem segue a cartilha da masculinidade tóxica que marca igualmente a identidade polígama de seus companheiros de trabalho. E tal como o trem, que em cada estação deixa e recebe pessoas e coisas antes de seguir viagem, o belo jovem também se faz “de ferro” nos corpos das mulheres que cruzam seu caminho.

E novos nomes surgem e desaparecem capítulo após capítulo – Neide, Angelina, Dalva, Aurora, Antonieta, Dolores... – restando apenas Juventina, a jovem amante, e Pérola, a esposa. A polifonia de vozes femininas, fruto da experiência própria ou alheia, alerta sobre os riscos do sexo sem compromissos, do prazer seguido do abandono.

Embora situado no tempo das “marias-fumaça”, *Canção para ninar menino grande* impressiona pela atualidade visível no imenso número de crianças ainda registradas apenas com o nome da mãe. Culpa da pobreza combinada à ausência de educação sexual e do planejamento familiar; ou da irresponsabilidade masculina que reluta em assumir a paternidade?

O fato é que, sem perder de vista a ternura, o poético e o erótico, marcas registradas de seus escritos, Conceição Evaristo denuncia e questiona o patriarcado, apresentando a questão como um *problema* que passa necessariamente pela cultura machista. Afinal, como ocorre com as mulheres, os homens não nascem homens, mas são feitos homens pelo arbítrio cultural transformado em natural. E Fio Jasmim mantém a “ordem do mundo”, preso ao estigma de ser macho, ao não revelar fraquezas, engolir o choro e renegar qualquer sentimento menos másculo, como a dor e a tristeza. Os benefícios do patriarcado têm um preço, e um dia ele terá que pagar.

Canção para ninar menino grande revela-se, pois, um livro de muitas surpresas e desafios. Além de criar uma narradora que abala a “verdade” da ficção, e tornar a própria autora também personagem, cria um protagonista viril para solapar a fantasia do macho e do machismo, não vitimiza as mulheres, e ainda sugere que homens e

mulheres podem se constituir enquanto sujeitos inteiros, livres, capazes de amar e criar.

E tal distanciamento crítico se constrói pela via do recurso ao “testemunho ficcional”, a partir de múltiplas falas femininas. Qual sábia e paciente *griotte*, a voz da narradora se faz tecido de muitos fios-mulheres irmanados na elaboração do novelo narrativo. E, em consonância com o projeto da literatura negra ou afro-brasileira ao qual se filia, a onisciência desta terceira pessoa se estrutura a partir da escuta das amantes, compartilhando o narrado com o ponto de vista das apaixonadas e desiludidas. Conceição Evaristo mais uma vez contribui para o fortalecimento da literatura contemporânea, ao refletir sobre as necessidades e demandas inerentes às relações entre os gêneros.

Belo Horizonte, dezembro de 2022.

Referência

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

* Constância Lima Duarte, é Doutora em Literatura Brasileira e professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMG. Coorganizadora, entre outros, de *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* (2016, 2.ed. 2018); e *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020).